



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
CURSO DE BACHARELADO EM MEDICINA VETERINÁRIA
ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO – MEV 059**

RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Orientador: Professor Rodrigo Lima Carneiro.

Stéffane Sousa Silva

**BARREIRAS – BA
2025**

Stéffane Sousa Silva

RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Relatório de Estágio Curricular Supervisionado
apresentado ao Curso de Medicina Veterinária
da Universidade do Estado da Bahia, campus
IX, como requisito parcial para obtenção do
grau de Bacharel em Medicina Veterinária.
Orientador: Professor Doutor Rodrigo Lima
Carneiro.

BARREIRAS – BA

2025

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	5
2. DESENVOLVIMENTO	6
2.1. Caracterização dos locais de estágio	6
2.2. Descrição das atividades	9
2.3. Relatos de Caso	27
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
4. REFERÊNCIAS.....	36

IDENTIFICAÇÃO

Nome completo: Stéffane Sousa Silva

Matrícula: 121920111

Local: Parque Zoobotânico da Bahia e Centro de Triagem de Animais Silvestres, Salvador, Bahia.

Período: 08 de setembro a 18 de dezembro de 2025.

OBJETIVO

Execução prática dos conhecimentos adquiridos no decorrer do curso, permitindo a fixação de saberes profissionais na área de medicina veterinária de animais silvestres, bem como um melhor desempenho nas condutas clínicas, cirúrgicas e de emergência.

PROGRAMAÇÃO

As atividades dispostas nos planos de trabalho incluem: atendimento clínico dos animais recebidos/apreendidos/resgatados, discussão e aplicação de protocolo terapêutico, acompanhamento em procedimentos cirúrgicos, coleta de amostras para exames laboratoriais, participação em exames radiográficos e medicina integrativa, contenção física e química de animais, observação e avaliação de sinais clínicos, observação e cuidados em recinto, apoio na rotina nutricional dos animais que necessitam maior atenção no manejo nutricional, identificação de animais (anilha ou microchip) e sexagem, realização de resgates solicitados e soltura dos animais reabilitados de volta à natureza. Todos os procedimentos ocorrem sob supervisão de técnicos Médicos Veterinários.

1. INTRODUÇÃO

O estágio supervisionado se faz fração indispensável da formação acadêmica do Médico Veterinário à medida que qualifica e habilita o médico veterinário para o atendimento e rotina profissional, aproximando-o do mercado e de outros profissionais. Mais relevante que isso, aprimora os conhecimentos teóricos com a prática, enfatizando os conhecimentos acerca de anatomia, fisiologia, farmacologia, comportamento animal, entre outros assuntos. Assim, o médico veterinário se torna capaz de desenvolver competências acerca da sua profissão em áreas de seu interesse, bem como é ensinado a encarar dilemas éticos e humanos no lidar com a vida animal.

As instituições Jardim Zoobotânico da Bahia e o Centro Estadual de Triagem de Animais Silvestres de Salvador foram escolhidas como campo para desenvolvimento das atividades de estágio obrigatório, sendo ambas geridas pelo Instituto do Meio Ambiente e Recursos Hídricos (INEMA), desempenhando um papel de valor inestimável e de caráter determinante na conservação da fauna silvestre.

Os zoológicos apresentam importante papel de conservação de espécies e educação ambiental, uma vez que viabilizam o acesso seguro do público aos animais silvestres e conscientiza acerca de sua importância vital para a ecologia das espécies. A educação como porção poderosa na mudança de comportamento ressalta a importância de uma abordagem educativa nessas instituições tão cruciais para a vida de animais em cativeiro e em vida livre (Barongi et al., 2015). Não de forma distinta, os CETAS também desenvolvem atividades de conservação ao atuarem no resgate e tratamento de animais silvestres feridos ou doentes, lidando com diretamente e diariamente com a vida. Muitos animais são vítimas das pressões antrópicas pela simples aproximação ou pelo tráfico de animais silvestres, sendo inegável a necessidade de atuação dos CETAS. As solturas de animais com possibilidade de retorno à natureza ou a destinação a cativeiros mantenedouros de fauna se mostram ações efetivas de conservação (Morita, 2009).

2. DESENVOLVIMENTO

2.1. Caracterização dos locais de estágio

O período de estágio foi subdividido em duas instituições administradas pelo Instituto do Meio Ambiente e Recursos Hídricos (INEMA), o Parque Zoobotânico da Bahia e o Centro Estadual de Triagem de Animais Silvestres (CETAS).

2.1.1. Parque Zoobotânico da Bahia

O Parque Zoobotânico da Bahia está situado na cidade de Salvador, Bahia, localizado na Tv. Alto de Ondina, 40170-110 (Figura 1). O local foi inaugurado em 1958, sendo, desde 2007 um ambiente referente na conservação de espécies, possibilitando pesquisas científicas, educação ambiental e acolhimento de animais impossibilitados de voltar à natureza. São cerca de 1.400 animais sob cuidados da equipe técnica formada por Médicos Veterinários, Biólogos, entre outros profissionais. Para além dos recintos disponíveis para observação do público, o Zoo conta com setores de nutrição, educação ambiental, botânica, museu, quarentemado/setor extra e uma clínica veterinária, onde os atendimentos dos animais pertencentes ao Zoológico são realizados. São diversas as espécies encontradas no Parque, desde seres da fauna brasileira até animais como Hipopótamos, Zebras e Ursos. Diversidade, esta, que enriquece a vivência de estágio ao agregar conhecimentos em áreas distintas.

Os setores principais de atuação do estagiário no Jardim Zoológico são a clínica, onde são atendidos os animais da própria instituição ou animais que chegam pelo CETAS; bem como o berçário, cujos animais jovens ou aves passeriformes são cuidados; o setor extra; no qual são alocados animais de maior porte sob algum tipo de tratamento; e os próprios recintos, onde estão os animais para exposição ao público.



Figura 1. Jardim Zoobotânico da Bahia. Fonte: do autor.

2.1.2. Centro de Triagem de Animais Silvestres (CETAS)

Os Centros de Triagem de Animais Silvestres são os locais que recebem animais silvestres advindos de resgates, realizados pela própria instituição; apreensões, efetuadas pelas Polícias Ambientais em ações de fiscalização; e entregas voluntárias, feitas pela própria população. Todos os animais silvestres passam por uma triagem e identificação, sendo reabilitados para voltar à vida livre assim que possível.

O CETAS Salvador está localizado na Rua dos Rádioamadores, 105, Pituacu (41.741-080) e desempenha um valioso papel na conservação de animais silvestres ao possibilitar a recuperação e reintegração à natureza, sob direção do INEMA com Acordo de Cooperação Técnica com IBAMA (Figura 2). Segundo a Instrução Normativa N 5, de 13 de maio de 2021, que dispõe sobre a operacionalização dos CETAS do IBAMA, os animais ali recebidos devem ser submetidos a conferência da identificação taxonômica; avaliação clínica, física e comportamental; marcação física individual (sempre que possível) e registros no sistema. Posteriormente, os indivíduos devem ser destinados, em um cenário mais preferível, à soltura, ou, ainda, ao revigoramento populacional, reintrodução, cativeiro, pesquisa ou guarda doméstica provisória em casos excepcionais (IBAMA, 2021).

O CETAS Pituaçu, Salvador, Bahia, conta com um espaço amplo para recebimento dos animais, contendo clínica e centro-cirúrgico equipados para que cada espécime seja individualmente avaliado e tratado de acordo com suas necessidades médicas. Animais muito jovens, que necessitam de uma maior temperatura no ambiente em que se encontram e/ou alimentação constante são destinados ao berçário. Uma grande quantidade de recintos se faz presente tanto na clínica quanto no berçário para viabilizar o tratamento e observação constantes dos animais. Caso necessário, o animal é encaminhado para os internamentos, havendo um internamento para cada grupo (répteis, mamíferos, aves + 1 anexo), com diversos recintos distribuídos. Animais cuja condição física e comportamental permite a convivência em grupo são direcionados aos recintos, havendo diferentes recintos para espécies distintas. Os animais que vêm a óbito são destinados ao setor da Necropsia, no qual são catalogados e acondicionados em freezer. A instituição também conta com aparelho de raio x portátil para complementar nas condutas veterinária para cada espécie.

É realizada ao menos duas solturas por semana, permitindo que um grande contingente de animais retorne rapidamente ao seu ambiente natural. Tais locais são escolhidos por um técnico experiente de acordo com o habitat que melhor se adequa à espécie em questão. A equipe de Médicos Veterinários é formada por profissionais extremamente capacitados e comprometidos com a causa animal, os quais também são dispostos a compartilhar tal conhecimento.



Figura 2. Centro de Triagem de Animais Silvestres - Salvador. Fonte: do autor.

2.2. Descrição das atividades

2.2.1. Atividades desenvolvidas no Parque Zoobotânico da Bahia

As atividades de estágio no Parque Zoobotânico da Bahia se iniciaram no dia 08 de setembro de 2025. A técnica responsável pela função de supervisora de estágio da Clínica naquele período ficou encarregada da apresentação do setor. No primeiro dia, portanto, o estagiário é apresentado à equipe de técnicos, servidores e demais estagiários, bem como ao ambiente de desenvolvimento das atividades, acompanhando, assim, os demais estagiários na rotina e observando.

A rotina se baseia primordialmente na terapêutica dos animais que necessitam de algum tipo de intervenção médica veterinária, esteja ele internado na clínica, no berçário, setor extra ou até mesmo em seu recinto. É função do estagiário ir até o animal, nos casos dos animais que não podem permanecer na clínica (seja pelo seu tamanho, comportamento ou condição de saúde), quantas vezes se fizer preciso. As terapêuticas vão desde uma limpeza de ferida e troca de curativos até aplicação de medicamentos e participação em procedimentos de emergência ou cirúrgicos, tudo na presença de um técnico e/ou tratador específico daquele grupo animal (em rotinas simples).

O estagiário diariamente faz o tratamento medicamentoso dos animais que necessitam de suplementação, antibiótico, anti-inflamatórios, fluidoterapia, catárticos, colírios, antisepsia de feridas, aplicação de pomadas e troca de curativos. Ao se tratar de animais silvestres, deve-se entender o estresse como um fator de risco, sendo realizadas contenções somente quando necessário ou em animais menos susceptíveis ao manejo. Em diversas ocasiões a medicação é administrada na própria alimentação do animal, sendo entregues com a ajuda dos tratadores dos quais os animais têm maior contato, evitando possíveis estresses. As contenções de animais mais ativos ou maiores ficam a cargo dos tratadores, que auxiliam os estagiários e os técnicos, principalmente, nos recintos.

Ao chegar um novo animal para tratamento, o estagiário deve abrir uma ficha de prontuário clínico descrevendo todas as medicações, concentrações, doses, frequência, período e volume final da medicação, o que permite o desenvolvimento da conduta clínica. Diferentes espécies estão presentes no Zoo e ocasionalmente podem precisar de algum cuidado clínico. Durante o período de estágio, foi realizada a terapêutica em macaco-aranha-da-cara-branca (*Ateles marginatus*), anta-brasileira (*Tapirus terrestris*), veados-sambar (*Rusa unicolor*), mão-pelada (*Procyon cancrivorus*), píton-albina (*Python bivittatus*), queixada (*Tayassu pecari*), veado-catingueiro (*Subulo gouazoubira*), sabiá-

do-campo (*Mimus saturninus*), periquito-verde (*Brotogeris tirica*), papagaio-verdadeiro (*Amazona aestiva*), jaguatirica (*Leopardus pardalis*), cágado-de-orelha-vermelha (*Trachemys scripta*), gambá-de-orelha-branca (*Didelphis albiventris*), gamba-de-orelha-preta (*Didelphis aurita*), tamanduá-mirim (*Tamandua tetradactyla*), gato-mourisco (*Puma yagouaroundi*), sagui-de-tufos-brancos (*Callithrix jacchus*), macaco-de-cheiro (*Saimiri sciureus*), arara-azul (*Anodorhynchus hyacinthinus*), cachorro-do-mato (*Cerdocyon thous*), siriema (*Cariama cristata*), cutias (*Dasyprocta azarae*), entre outros.



Figura 3. Alimentação em tamanduá-mirim (*T. tetradactyla*) filhote. Fonte: arquivo pessoal.



Figura 4. Aplicação de medicamento por via subcutânea em Gambá-de-orelha-branca (*D. albiventris*) filhote. Fonte: arquivo pessoal.



Figura 5. Vermifugação de cutias (*D. azarae*) em recinto. Fonte: arquivo pessoal.



Figura 6. Limpeza e tratamento de ferida em mão-pelada (P. cancrivorus) em recinto. Fonte: arquivo pessoal.



Figura 7. Aplicação de insulina em veado-sambar (R. unicolor). Fonte: arquivo pessoal.



Figura 8. Atendimento de gambá-de-orelha-preta (*D. aurita*) com depósito de míiase. Fonte: arquivo pessoal.



Figura 9. Limpeza e tratamento de ferida em cágado-de-orelha-vermelha (*T. Scripta*). Fonte: arquivo pessoal.

Atividades de enriquecimento ambiental foram criadas pelos próprios estagiários e encorajadas pela equipe técnica em alguns momentos visando-se aumentar a complexidade daquele ambiente e, assim, melhorar o bem-estar dos animais de cativeiro (Figura 10). Essa prática permite que o animal expresse melhor seu comportamento característico da espécie ao estimular a interação do animal com o ambiente e dar-lhe

poder de escolha sobre sua ação acerca daquela situação (Silva; Garcia; 2019). À vista disso, foram desenvolvidas guirlandas para aves, arranhadores para felinos e diversas recreações com estímulo alimentar e sensorial para os carnívoros (Figura 11).



Figura 10. Enriquecimento ambiental para recintos. Fonte: arquivo pessoal.



Figura 11. Cachorros-do-mato (*C. thous*) interagindo com enriquecimentos ambientais de estímulo alimentar. Fonte: arquivo pessoal.

2.2.2. Atividades desenvolvidas no CETAS Salvador

O período de estágio no CETAS Salvador teve início a partir do dia 13 de outubro de 2025. Foram apresentadas as instalações, estagiários, demais funcionários e toda a rotina diária da instituição, o que inclui o recebimento dos animais advindos de resgates, apreensões e entregas voluntárias, o tratamento clínico dos animais internados, reabilitações e soltura dos indivíduos aptos a voltar ao seu habitat natural.

Desde sua inicialização o estagiário é convidado a participar de todos os procedimentos e encorajado à tomada de decisões e desenvolvimento do seu raciocínio clínico. Os técnicos estão sempre presentes para inferir acerca da conduta a ser seguida, mas as opiniões e dúvidas dos estagiários são sempre levadas em consideração e a participação prática nos procedimentos também é prezada como método de aprendizagem, permitindo que se desenvolva uma postura profissional no estudante.

Ao chegar um animal, este passa por uma triagem, onde será avaliada sua condição de saúde e possibilidade de reabilitação. Caso seja constatada qualquer injúria ou processo patogênico, o animal é internado e alocado em um recinto especial pensada para suas necessidades, considerando-se a espécie e sua condição física como indivíduo. A sua alimentação fica sob responsabilidade do setor de nutrição, mas pode ser alterada pela equipe a qualquer momento se observada necessidade. A realização de alimentação forçada ou assistida é bastante comum em pacientes cuja condição de saúde é bastante desfavorável.

Cálculos e aplicação medicamentosa ficam a cargo da equipe de estagiários supervisionados pelos médicos veterinários, os quais também serão responsáveis por acompanhar e observar diariamente os animais internados, comunicando qualquer complicação. A criação de uma ficha de prontuário clínico se faz imprescindível para a continuidade do tratamento, sendo papel do estagiário criá-la e assinar a cada terapêutica realizada. Cada animal apresenta um número de TR (Termo de Responsabilidade) e, caso enfermo, adquire um número de prontuário clínico, o que facilita a identificação desses indivíduos na rotina de tratamento clínico.

Dentre as espécies comumente atendidas no CETAS no período de estágio, estão jiboia (*Boa constrictor* sp.), sucuri-verde (*Eunectes murinus*), cobra-verde (*Philodryas olfersii*), bicuda (*Oxybelis aeneus*), jararaca (*Bothrops jararaca*), iguanas (*Iguana iguana*), jabuti-piranga (*Chelonoidis carbonarius*), jabuti-tinga (*Chelonoidis denticulatus*), teiús (*Salvator merianae*), carcará (*Caracara Plancus*), gavião-carijó (*Rupornis magnirostris*), gavião-de-cauda-curta (*Buteo brachyurus*), caburé (*Glaucidium*

brasilianum), corujinha-do-mato (*Megascops choliba*), coruja-buraqueira (*Athene cunicularia*), Suindara (*Tyto furcada*), arara-canindé (*Ara ararauna*), papagaio-verdadeiro (*Amazona aestiva*), jandaia-de-testa-vermelha (*Aratinga auricapillus*), jandaia-coquinho (*Eupsittula aurea*), periquito-verde (*Brotogeris tirica*), cardeal-do-nordeste (*Paroaria dominicana*), bem-te-vi (*Pitangus sulphuratus*), trinca-ferro (*Saltator similis*), rolinha-roxa (*Columbina talpacoti*), socozinho (*Butorides striata*), frango d'água (*Gallinula chloropus*), sagui-de-tufo-preto (*Callithrix jacchus*), gambá-de-orelha-branca (*Didelphis albiventris*), gambá-de-orelha-preta (*Didelphis aurita*), tamanduá-mirim (*Tamandua tetradactyla*), ouriço-preto (*Chaetomys subspinosus*), ouriço-amarelo (*Coendou spinosus*), veado-catingueiro (*Subulo gouazoubira*), cachorro-do-mato (*Cerdocyon thous*), mão-pelada (*Procyon cancrivorus*), macaco-prego-das-guianas (*Sapajus apella*), entre outros.

O estagiário também participa das solturas dos animais em seu ambiente natural, sendo acompanhado por um técnico.



Figura 12. Tratamento periodontal em Jiboia (*Boa sp.*). Fonte: arquivo pessoal.



Figura 13. Aplicação de medicamento subcutâneo e monitoramento cardíaco em serpente Bicuda (Oxybelis aeneus). Fonte: arquivo pessoal.



Figura 14. Alimentação em mão-pelada (P. cancrivorus) filhote. Fonte: arquivo pessoal.



Figura 15. Atendimento de emergência em cachorro-do-mato (C. thous). Fonte: arquivo pessoal.



*Figura 16. Anestesia e monitoramento em cirurgia de amputação em veado-catingueiro (S. gouazoubira).
Fonte: arquivo pessoal.*



Figura 17. Microchipagem em ouriço-cacheiro (C. spinosus). Fonte: arquivo pessoal.



Figura 18. Exame radiográfico em papagaio verdadeiro (A. aestiva). Fonte: arquivo pessoal.



Figura 19. Curativo em jiboia (Boa sp.) Fonte: arquivo pessoal.



Figura 20. Fisioterapia em sagui-de-tufo-branco (C. jacchus). Fonte: arquivo pessoal.



Figura 21. Terapia integrativa (Moxabustão) em jiboias. Fonte: arquivo pessoal.



*Figura 22. Medicação via oral em cutia (*D. azarae*). Fonte: arquivo pessoal.*



Figura 23. Reconstituição de casco em cágado-do-nordeste (*Mesoclemmys tuberculata*). Fonte: arquivo pessoal.



Figura 24. Coleta de dados biometricos de sucuri-verde (*E. murinus*). Fonte: arquivo pessoal.



Figura 25. Estabilização de membro com tala artesanal e bandagem em carcará (C. plancus). Fonte: arquivo pessoal.

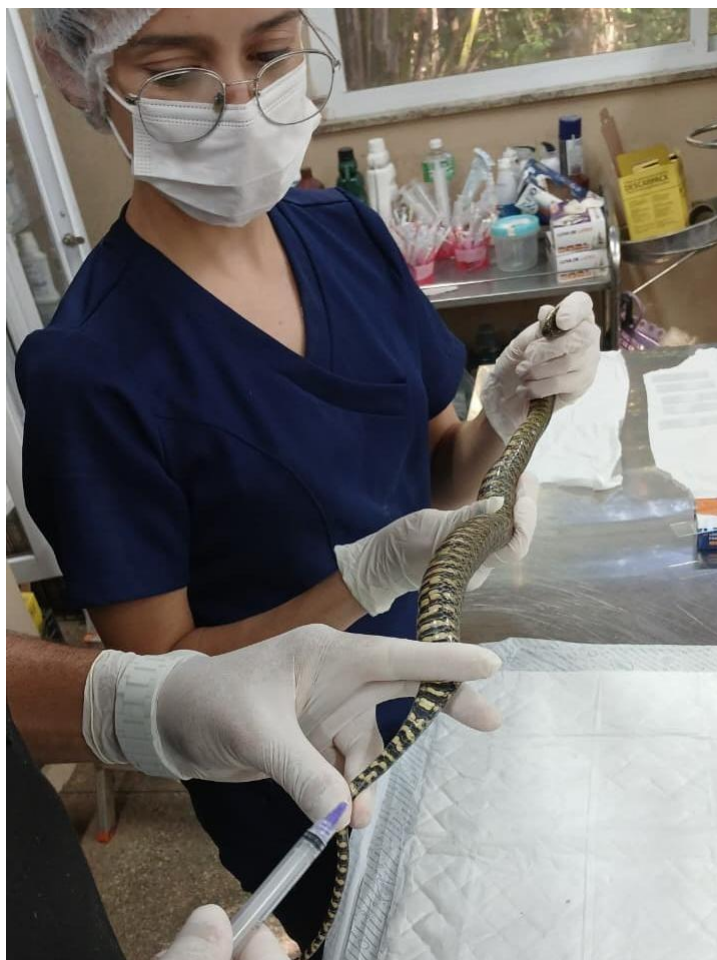


Figura 26. Coleta de sangue em cobra d'água (Helicops leopardinus). Fonte: arquivo pessoal.

2.3. Relatos de caso

2.3.1. 1º Caso clínico

No dia 18 de novembro de 2025 deu entrada no CETAS de Salvador uma iguana (*Iguana iguana*) fêmea adulta de 2kg escore corporal 3/5 advinda de resgate. O resgate foi solicitado por suspeita de predação. No exame físico, observou-se exposição óssea em membro posterior direito, com comprometimento parcial do fêmur e comprometimento total das demais estruturas ósseas do membro: tibia, fíbula, ossos do tarso, metatarso e falanges, pele e músculos lacerados ou ausentes (Figura 27), sendo necessário submetê-la à cirurgia imediatamente.

O campo cirúrgico foi preparado e o animal submetido à sedação e anestesia dissociativa com a associação dos fármacos midazolam na dose de 0,5 mg/kg e cetamina na dose de 5mg/kg (Carpenter & Harms, 2023). A associação desses fármacos permite relaxamento muscular e analgesia priorizados em procedimentos cirúrgicos, embora seu tempo de recuperação sejam prolongados e descompensação cardiorrespiratória possam ocorrer (Cubas et al., 2014). Lidocaína para infiltração foi utilizada na dose de 4mg/kg.



Figura 27. Iguana com laceração e fratura de membro posterior direito. Fonte: arquivo pessoal.

Após sedação, foi realizada antissepsia do local e debridamento das porções afetadas, sendo observada impossibilidade de manutenção do restante do membro. Houve comprometimento da diáfise femoral sem possibilidade de estabilização da fratura, levando à necessidade de amputação pela desarticulação da articulação coxofemoral. A pele é incisada próxima ao terço médio da diáfise femoral e estendida à porção proximal, fazendo-se a secção dos músculos da face medial (sartório, adutor, etc.) e ligamento da artéria e veia femoral. Secciona-se músculos da face lateral (bíceps femoral) rebatendo até se chegar à cápsula articular, que se mostra mais ampla e rasa. Após localizada, o nervo ciático e demais ramos musculares são cortados ao nível do fêmur proximal e o membro é removido. As porções de músculo restantes são utilizadas para formação de um flap para fechamento da ferida cirúrgica, sendo unidos em sutura com fios de nylon. A pele é suturada logo após com o mesmo tipo de fio.

Foi elaborada uma terapêutica para o animal com uma associação dos analgésicos tramadol (pela manhã) e dipirona (à tarde) injetáveis por via intramuscular (IM) nas doses de 4mg/kg e 25mg/kg, respectivamente. O antibiótico de escolha foi enrofloxacin a 10% na dose de 5mg/kg por via IM SID, fluido por via subcutânea (SC), vista a condição de leve desidratação do animal, na dose de 10ml/kg. Também era necessária a limpeza diária do local dos pontos e troca de curativo, sendo utilizada pomada a base de Penicilina G Benzatina, Penicilina G Procaína, Diidroestreptomicina e ureia seguida do fechamento com curativo com gaze, bandagem elástica veterinária e esparadrapo.

Alguns dias após a cirurgia, mesmo com a limpeza diária e o seguimento rigoroso da terapêutica, observou-se a presença de miíases no local da sutura, sendo necessário submeter o animal a um novo procedimento cirúrgico. Foram retirados os pontos e removidas todas as larvas, seguindo da aplicação de unguento ao redor da ferida para o aguardo até o momento da cirurgia (Figura 28). Durante a limpeza já foi possível perceber que uma grande porção necrótica com autólise tecidual.



Figura 28. Lesão após abertura dos pontos, retirada das larvas e limpeza. Fonte: arquivo pessoal.

O animal foi anestesiado com sob o mesmo protocolo da cirurgia anterior e colocado em campo cirúrgico. Dessa vez, optou-se pelo uso do bisturi elétrico no corte das estruturas afetadas. Fez-se a remoção das estruturas musculares afetadas com tesoura e bisturi elétrico com menos definição que a primeira cirurgia, visto que tecidos sem vascularização ou com presença bacteriana não apresentam condição de serem mantidos. Com o bisturi foi possível, assim, também a cauterização de pequenos pontos hemorrágicos (Figura 29).



Figura 29. Lesão após retirada de algumas porções necróticas. Fonte: arquivo pessoal.

O remanescente muscular após a remoção das estruturas foi unido por fio absorvível sintético, também utilizado na sutura da pele. Foi feito curativo com gaze, bandagem elástica veterinária e esparadrapo (Figura 30).



Figura 30. Curativo pós cirúrgico. Fonte: arquivo pessoal.

A terapêutica foi alterada para analgesia com tramadol 50mg/ml na dose de 5mg/kg por via IM, BID, e anti-inflamatório Cetoprofeno 50mg/ml na dose de 2mg/kg por via IM, SID. Antibióticos foram associados: Amoxicilina Tri-hidratada na dose de 10mg/kg por via IM, BID, juntamente com Enrofloxacina a 10% na dose de 5mg/kg por via IM, SID. Toda a dosagem da terapêutica foi baseada em literatura específica para iguanas (Carpenter & Harms, 2023) (Figura). Também foi prescrita a limpeza diária dos pontos com clorexidina, soro e rifocina, realizando-se um curativo em seguida com gaze, bandagem elástica veterinária e esparadrapo.

O animal se encontra bem, ativo e em processo cicatricial da ferida.



Figura 31. Animal no pós-cirúrgico da segunda cirurgia. Fonte: arquivo pessoal.

2.3.2. 2º Relato de caso

Um gavião-carijó jovem de 0,220kg deu entrada no CETAS no dia 05 de novembro de 2025 advindo de entrega voluntária. Na avaliação física do animal, logo se constatou um aspecto ressecado do bico e um odor forte de óleo. A língua apresentava um aspecto de pele seca e solta e o animal apresentava elevada temperatura corporal ao tocar, estando hipoativo e sem nenhuma resposta de ataque. A porção da face que mais se apresentava afetada era a região de pálpebra e olhos. Foi necessário limpar umedecendo a região com auxílio de soro fisiológico e cotonete para separar as pálpebras fortemente unidas (Figura 32). O animal foi submetido ao exame radiográfico para observação de possíveis fraturas, mas não foi constatado.

Foi elaborada uma terapêutica visando analgesia e suporte sistêmicos utilizando-se dipirona de 50mg/ml na dose de 25mg/kg por via oral (VO), SID, por 4 dias, anti-inflamatório meloxicam 0,2% na dose de 0,5mg/kg por via IM, SID, por 3 dias, e fluido Ringer com Lactato 20ml/kg por via SC, SID, por 3 dias. Também foi aplicado um protocolo oftálmico diário para auxiliar na regeneração da pálpebra com colírio lubrificante de Hidroxipropilgumar e colírio a base de vitamina A e Cloranfenicol (Regencil) para promover epitelização e regeneração dos tecidos oculares lesados, 1 gota

SID por 7 dias. Era necessária uma limpeza prévia com soro fisiológico e cotonete para abrir a pálpebra.



Figura 32. Gavião-carijó no momento em que foi atendido. Fonte: arquivo pessoal.

Foi oferecido fígado animal como alimentação, mas observou-se no dia seguinte que o animal não se alimentou e continuava hipoativo. Havia sangramento à medida que as porções de pele queimada eram removidas. As regiões palpebrais passaram a apresentar aspecto mais vívido a cada dia e o animal se mostrava mais ativo com o seguimento da terapêutica. No dia 08 foi oferecido camundongo e o animal foi capaz de se alimentar sozinho sem deixar sobras (Figura 33). No dia 10, embora o aspecto das pálpebras mostrasse boa regeneração, o local ainda se encontrava edemaciado, sendo optado pela adição de colírio antibiótico a base de Moxifloxacino visando tratamento de possíveis afecções bacterianas que pudessem estar presentes (Figura 33).



Figura 33. Animal se alimentando no dia 08 e aspecto da pálpebra inferior no dia 10. Fonte: arquivo pessoal.

A evolução do animal foi nítida com a continuidade do protocolo, sendo observável a regeneração rápida do tecido lesado. O animal também passou a se apresentar altamente ativo, voando dentro da baia e se alimentando normalmente.



Figura 34. Aspecto da lesão e animal se alimentação no dia 11. Fonte: arquivo pessoal.

O aspecto da língua também demonstrou uma melhora total e o olho esquerdo, que se mostrava o mais afetado, se recuperou por completo.



Figura 35. Aspecto da pálpebra inferior esquerda nos dias 15 e 16, respectivamente. Fonte: arquivo pessoal.

O animal teve alta no dia 17 de novembro e foi alocado no internamento para posteriormente ser transferido para o viveiro, sendo preparado para soltura.

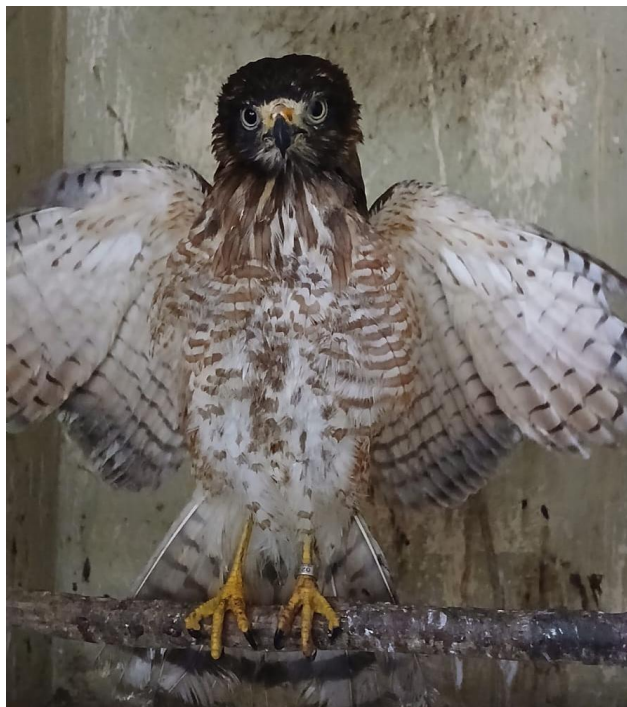


Figura 36. Animal no internamento dias após alta médica. Fonte: arquivo pessoal.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Jardim Zoobotânico da Bahia e o CETAS desempenham um papel crucial na conservação das espécies de animais silvestres, bem como um poder socioeducativo para o fator ambiental. Estagiar em tais instituições permite ao estudante um grande arcabouço teórico-prático das particularidades e necessidades médicas desses animais, possibilitando uma atuação direta no tratamento e recuperação de vida tão ecologicamente importantes.

Durante o período de estágio, foi possível adentrar profundamente nos conhecimentos clínicos da medicina de animais silvestres, sendo possível a realização de exames físicos e clínicos dos animais atendidos, realizar terapêutica, alimentação e observação de internados, participar de procedimentos cirúrgicos e ambulatoriais, além de compreender profundamente a importância de cada organismo para um sistema vital.

4. REFERÊNCIAS

Barongi, R., Fisker, F. A. ., Parker, M., & Gusset, M. (2015). Committing to Conservation: The World Zoo and Aquarium Conservation Strategy. *World Association of Zoos and Aquariums (WAZA)*, 69. World Association of Zoos and Aquariums (WAZA)

Carpenter, J. W., & Harms, C. A. (2023). *Carpenter's Exotic Animal Formulary* (6th ed.). Elsevier.

Cubas, Z. S., Silva, J. C. R., & Catão-Dias, J. L. (2014). *Tratado de Animais Silvestres* (2nd ed., Vol. 1 e 2). Roca (GEN). <http://marefateadyan.nashriyat.ir/node/150>

IBAMA - Instrução Normativa N° 5 de 13 de Maio de 2021. Dispõe sobre as diretrizes, prazos e os procedimentos para a operacionalização dos Centros de Triagem de Animais Silvestres (Cetas) do Ibama, bem como para a destinação de animais silvestres apreendidos, resgatados ou entregues espontaneamente a esses centros. (2021).

Morita, C. H. C. (2009). *Caracterização da fauna recebida e avaliação dos procedimentos em Centros de Triagem de Animais Silvestres (CETAS)*. Universidade Estadual Paulista.



Prof. Orientador: Rodrigo Lima Carneiro

Assinatura do Orientador